

PRESAS, D. JOSÉ — *Memórias de D. Carlota Joaquina*. Trad. revista, anotada e prefaciada por R. Magalhães Júnior, Rio de Janeiro, 1966, Edições de Ouro.

Esta obra, agora reeditada pela Edições de Ouro do Rio de Janeiro, em formato pequeno reapresenta um trabalho de D. José Presas, editado pela primeira vez em Bordeaux. Posteriormente nova edição se fez, em 1858.

Em 1940, os Irmãos Pongetti, editores e Zello Valverde lançaram uma edição brasileira, publicada no Rio de Janeiro. Esgotada, somente ressurgiu, através de edição fac-similada da obra de 1940, em 1966.

Esse número reduzido de edições dificultou muito a consulta da obra, tornando-a mesmo pouco conhecida. Dessa forma, a reedição realizada pela Edições de Ouro, no ano de 1966, vem tornar mais acessível a sua consulta e contribuir, indiscutivelmente, para o conhecimento do assunto nela contido.

Trata-se de uma obra parcial e até certo ponto facciosa, pretendendo, em muitas de suas páginas, criticar severamente D. Carlota Joaquina, procurando diminuir-lhe diante dos olhos de seus contemporâneos.

Foi um trabalho realizado com o intuito de conseguir obter vantagens pessoais, conforme se pode apreender de suas conclusões, quando Presas afirma "Uma resposta acompanhada de uma letra de câmbio de modesta quantia teria sido suficiente para que eu me calasse; o profundo e demorado silêncio porém que experimento há mais de ano e meio sem que S.M.I. e R. se dê por entendida..." Infelizmente para ele, entretanto, a rainha de Portugal morreu antes de ceder à chantagem e a obra escrita e publicada iria servir à História, mais do que aos intuítos com que foi realizada.

"O aventureiro espanhol nem por um instante pensou em 'servir a história' como alardeavam quase todos os memorialistas de outrora. Teve em mira apenas a defesa dos seus interesses e o desafogo de sua bolsa de exilado político".

"... Essas notas (Maria Graham) no entanto tal como os de Presas sobre os acontecimentos de 1809 a 1812, formam hoje uma fonte cujo exame é indispensável aos que estudam a vida brasileira do princípio do século passado"; é o que nos afirma R. Magalhães Júnior no prefácio da publicação em tela. Nós consideramos como ele, indispensável a sua consulta para conhecimento mais perfeito das tramas políticas da época e as relações entre Portugal e Espanha, além do papel de D. Carlota Joaquina na política colonial de Portugal e suas relações com a região platina.

A obra que contém 268 páginas inclui, além do texto de Presas, analisando a atuação de D. Carlota Joaquina e procurando mostrar sempre que possível, "com

o intuito de fazer revelações indiscretas e dar a entender à então rainha viúva de Portugal que poderia ir mais longe ainda" ..., as intimidades da sua vida, 14 cartas originais pertencentes ao Arquivo Nacional correspondentes ao período de 1803/4, além de duas cartas datadas de 1806 e 1811, e um Manifesto de D. Carlota Joaquina, candidatando-se ao trono da América Espanhola.

Consideramos obra interessante, com anotações úteis e julgamos mesmo de valor inestimável para o melhor conhecimento da época. — J. S. WITTER.



HORMEYER, JOSEPH (\*) — *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Ed. Presença, Rio de Janeiro, 1966.

O título do original alemão da presente obra, traduzida pelo General Bertholdo Kilinger, e publicada em 1863, em Leipzig, é "Was George seinen Deutschlen Landsleuten uber Brasilien zu erzahlien weiss" (1).

Joseph Hormeyer narra a vida de um imigrante alemão em terras brasileiras adotando uma forma original de composição. O camponês Jorge (pseudônimo do autor) volta à Alemanha e ao reencontrar velhos conhecidos propõe-se a contar a sua experiência de vida no Brasil, tôdas as noites que tivesse disponíveis, numa Cervejaria, local onde se reuniram durante quatorze noites, que compõe os quatorze capítulos do livro de 234 pp., além de um prefácio da Editora e de uma introdução relativa à produção literária de Joseph Hormeyer relativa ao Brasil, assinada por Abellard Barreto.

As primeiras três noites de narrativa prendem-se à localização do Brasil e aos recursos brasileiros, além de procurar mostrar as interrelações sociais no Brasil com os elementos étnicos diversos que compõe a sua sociedade, procurando sempre mostrar que os alemães tinham, no Brasil, uma boa acolhida e que não eram tratados como escravos. Mostra posteriormente aspectos da escravidão africana. Em seguida narra pormenorizadamente tôda a viagem, desde o seu ponto de origem até avistar as terras do Rio de Janeiro, analisando todo o problema do engajamento e dos contratos que são assinados, dando idéias dos gastos prováveis que o imigrante tem desde a sua saída de casa até a sua chegada ao destino determinado.

Da quarta à sétima noite de narrativas Jorge procura mostrar como era o Rio de Janeiro e as primeiras impressões do contacto com uma nova terra e especialmente com os negros. Depois narra a sua viagem e a seus companheiros, do Rio de Janeiro até Santos e do porto até a fazenda, a qual se destina: São Jerônimo. Esta é a de propriedade do Senador Queiroz, que Jorge considera uma ótima pessoa,

(\*) Joseph Hormeyer, conforme a introdução da obra, foi contratado na Europa, como anteriormente o foram (1826/27) Kerts, Leenho!, Siedler, e outros, para prestar serviços militares no Brasil, juntamente com Martens, Siber, Von Lemmerz-Danforth. Estes últimos «foram os autores de livros sobre o Brasil nesta nova geração — conhecida como a dos «Brummer» — avultando, no entanto, entre estes, a figura do capitão de infantaria J. Hormeyer...». Assinou compromisso, em Hamburgo, aos 29 de março de 1851. Fêz campanhas militares no sul e sempre no sul viveu familiarizando-se com os costumes e com a vida na região, principalmente nas colônias germânicas. Desertou e voltou à Alemanha onde publicou diversos trabalhos, todos eles enaltecendo o Brasil. O trabalho de que nos ocupamos saía em 1863, em Leipzig.

(1) Este trabalho original existe no Instituto de Estudos Brasileiros (I.E.B.) e comenta-o Sérgio Buarque de Holanda às pp. 256/257: da *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo II, vol. III, sugerindo ser obra de facção e dar mostras de procurar desfazer a impressão causada por Davatz. E, conforme podemos notar e constatar pelas anotações de Abellard Barreto, na introdução da edição brasileira, que o autor visava destacar o lado positivo da imigração alemã para o Brasil, principalmente para dar seu testemunho de gratidão às autoridades que o favoreceram, a ponto de fazer uma dedicatória da obra, posteriormente retirada de outras edições, a ministro brasileiro, como vemos a p. 13 da edição em foco.